



PROEJA E O SIGNIFICADO SOCIOECONÔMICO DA INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO

*Fernanda Mendes Furlan*⁹⁵

*Marco Aurélio da Silva*⁹⁶

*Raimunda Nonata Fortes Braga*⁹⁷

RESUMO

O presente artigo ora aqui anunciado é resultado de pesquisa realizada na cidade de São Vicente do Sul, RS, e tem a intenção de mostrar a importância de agregar aos currículos do curso de PROEJA, disciplinas que dêem atenção especial ao tema empreendedorismo. Busca, também, esclarecer o tema e demonstrar a importância do mesmo, como um elemento agregador de valor, no sucesso de uma futura carreira profissional. Sabemos que o mercado formal de trabalho, o qual dá certas garantias ao trabalhador, como férias, carteira assinada, fundo de garantia, décimo terceiro salário, entre outros, encontra-se em fraca decadência, pois a cada ano que passa, diminui o número de vagas oferecidas. Assim, é preciso buscar alternativas que supram a demanda de trabalhadores que pretendem realizar seus projetos. Os resultados apontam para essa necessidade.

Palavras-chave: PROEJA. Mundo do trabalho. Empreendedorismo.

228

⁹⁵ Possui graduação em Administração pela Universidade da Região da Campanha (1997). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, PROEJA, Gestão e Contabilidade Educacional. Mestrado em Educação - UNISC (bolsista FAPERGS/CAPES - CMH) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6727222080595166>.

⁹⁶ Graduação em Filosofia - UNIFRA, Graduado em Pedagogia - UFSM, Especialização em Mídias na Educação - UFPEL; Especialização em Gestão Educacional e em Educação Ambientais ambas pela UFSM; Mestrado em Ciências Sociais - UFSM; Mestre em Educação - UNISC. E-mail: marcoaurelio22000@yahoo.com.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6665383866556823>.

⁹⁷ Mestra em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais - UNITAU, Graduação em Pedagogia pela UFMA. Professora de Didática, Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. Atualmente, exerce o cargo de Diretora de Ensino da FAP e do Colégio Nossa Senhora de Fátima - CONSEF. E-mail: nonybraga@terra.com.br Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3413997082821016>.



PROEJA AND THE MEANING OF YOUNG INSERT IN SOCIOECONOMIC JOB MARKET

ABSTRACT

This work is the result of research in São Vicente South, RS, and intends to show the importance of aggregating the PROEJA course curricula, disciplines deem special attention to entrepreneurship theme. Search also clarify the issue and to demonstrate the importance, as an element value aggregator, in the success of a future career. We know that the formal labour market, which gives certain assurances to the employee, such as vacation, portfolio signed guarantee fund, thirteenth salary, among others, is steadily decline because every year that passes, reduces the number of vacancies offered. Thus, we must seek alternatives that supram demand for workers who wish to carry out their projects. The results suggest that need.

Keywords: PROEJA. Labor. Entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

Diante do mundo de trabalho complexo, a vez é daqueles que agem com autonomia e iniciativa, é a vez de quem toma para si as responsabilidades e vai atrás de realizar seu projeto ou sonho, dentro ou fora de um sistema organizacional.

Ora, a proposta aqui anunciada é possibilitar reflexões – ações – reflexões aos futuros empreendedores e para todos aqueles que buscam sustentavelmente a realização profissional, financeira e pessoal, pois percebemos que lições de empreendedorismo, para aqueles que têm iniciativa, funciona como um incentivo inicial.

Assim, visamos a que esses indivíduos possam colocar em prática suas ideias, que possam ser corajosos, sem ter o temor do erro e que possam construir uma visão de futuro. Porém, é preciso que essas competências sejam desenvolvidas em sala de aula, criando a ideia de que empreendedorismo pode ser consolidado com a abertura de pequenos negócios. Trata-se de uma proposta de educação empreendedora, onde há compromisso com o desenvolvimento humano, social e econômico sustentável. Entretanto, não basta o sonho, precisamos de ferramentas que auxiliem essas realizações.

Como sabemos, empreendedorismo é muito mais do que isso. É deixar para trás os velhos conceitos de capital em si e abordar novos paradigmas, onde o essencial é o capital intelectual, ou chamado capital humano, ou seja, ideias e conhecimentos de um ser ou um

grupo. Este vem a desmistificar a realidade que nos encontramos, tais como os valores negativos atribuídos ao mundo de trabalho, estigma do fracasso, sonhos não realizados vinculados ao trabalho, busca da estabilidade, aversão ao risco, cultura da dependência, síndrome da empregabilidade, entre outros.

Por exemplo, no que diz respeito à *síndrome da empregabilidade* ocorre que, em muitos casos, há empregados que esperam sempre por alguém que lhe dê direção ou supervisão e busca apenas conhecer m determinado setor, o seu, não olhando a organização como um todo.

O empreendedorismo muda a versão desses conceitos e gera novos e preciosos conhecimento, dando-nos direção, rumo e autonomia, os quais nos levam ao mundo do trabalho globalizado, identificando a capacidade de sonhar, de nos dar oportunidades, de nos mostrar as redes de relações que existem e, acima de tudo, mostra-nos que os fracassos podem servir de lição e aprendizado. Assim, comprometemo-nos com objetivos e metas, cremos no resultado. Para Dolabella,

A tarefa da educação empreendedora é, principalmente, fortalecer os valores empreendedores na sociedade. É dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar sustentabilidade, de ser protagonista (DOLABELLA, 1999, p.57).

Em âmbito federal, o governo instituiu o PROEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos), que tem, como um dos objetivos, oferecer, concomitantemente, a formação geral e profissional de jovens e adultos. A apresentação do Documento Base do “PROEJA” – Formação Inicial e Continuada- Ensino Fundamental esclarece:

O que se aspira é uma formação que permita a mudança de perspectiva de vida por parte do aluno; a compreensão das relações que se estabelecem no mundo do qual ele faz parte; a ampliação de sua leitura de mundo e a participação efetiva nos processos sociais. Enfim, uma formação plena. Para tanto, o caminho escolhido é o da formação profissional aliada à escolarização, tendo como princípio norteador a formação integral. Estão na base dessa proposta o reconhecimento, respeito e diálogo com o saber do aluno trabalhador; o que pressupõe o acatamento de tempos e espaços de aprendizagem diferenciados, bem como processos contínuos de construção coletiva de conhecimentos. Para tanto é preciso a compreensão da escola como instituição integrante e atuante nas dinâmicas sociais, não alheia às vocações produtivas e potencialidades de desenvolvimento regional, envolvida em ações de sustentabilidade sócio-cultural-econômica-ambiental. Igualmente necessária é a constituição de redes de pesquisa que venham dar suporte teórico-metodológico e

socializar os conhecimentos produzidos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, s/p).

Para que isso ocorra, na sua prática, deverá ser oferecido de forma presencial.

A opção por essa modalidade objetiva a reconstrução da trajetória educacional de jovens e de adultos que por motivos diversos interromperam seus estudos. Embora o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação tenha demonstrado que a escola é, antes de tudo, um conceito, entendemos que, para o público aqui referido, a escola precisa ser entendida como um locus. Os elementos que compõem o cotidiano escolar são importantes para a necessária ressignificação da escola e das motivações para a aprendizagem desses sujeitos sociais. A identificação de histórias semelhantes, o compartilhamento de experiências intergeracionais, as marcas identificadoras da instituição, os espaços e tempos escolares bem planejados, promovem uma sensação de pertencimento, elevam a auto-estima e propiciam a definição de objetivos de médio e longo prazo. É essa ambiência que favorece a construção de um projeto de vida onde a escolarização tem papel claro e positivo (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, s/p).

A qualificação profissional integrada à formação básica poderá dar significado à modalidade “EJA”, que será oferecida àqueles sujeitos que “não têm nem a escolarização mínima e nem qualquer tipo de formação profissional, exigidas até mesmo para as tarefas mais simples do mundo do trabalho”.

Assim, percebe-se que o aluno de “PROEJA” tem o perfil para essa educação em voga, pois possui esta vontade saber, entrelaçada com a vontade de tornar seus sonhos realidade, pois buscam construir projetos os quais são a busca de alternativas para suas vidas e a de seus familiares. Como a finalidade desse programa não é só escolarizar, devemos perceber a importância que deve ser dada ao estímulo de fazer com que esses e adultos se tornem gestores de suas vidas, de seus empreendimentos, a fim de serem autores de uma história de vida produtiva e cidadã.

Conforme Cohen (2001, p. 43) “Que o mundo corporativo mudou não é novidade. A questão é: em que ele mudou e o quanto isso vai afetar a sua vida”. Desse modo, a revolução tecnológica e a ansiosa busca da competitividade mudaram para sempre o mundo dos negócios e, por consequência direta, as nossas vidas profissionais. O problema, quando um discurso se torna assim tão generalizado, é que sempre tendemos a repeti-lo mecanicamente, sem realmente prestar atenção no seu real significado. Tendemos a tratar o assunto como se fosse alheio a nós mesmos.

Curiosamente, repetir à exaustão que tudo está mudando, é uma forma de preservar a rotina. A observação fica relegada ao campo do discurso, continua-se agir como se fomos ensinado a agir e, quando isso não dá os resultados que costumava dar, passamos, então, ao terreno das queixas. A expressão *nada será como antes*, na maioria das vezes é usada em tom de ameaça ou de nostalgia, como se o antes fosse o certo, o natural.

Então, se nada será como antes, não quer dizer que seja pior, nem melhor, apenas que será diferente. Quem poderá fazer com que o futuro seja melhor ou pior somos nós. Assim, somos obrigados a perceber as mudanças que ocorrem na sociedade, sejam de que ordem forem, pois certamente elas nos afetarão, de alguma forma.

Assim, é preciso preparar as pessoas para as mudanças do mundo do trabalho, nas mudanças da economia e das mudanças sociais. Formando, desse modo, líderes empreendedores, inovadores e criativos. Agindo assim, poderemos criar, dentro das instituições de ensino, motivação para que os jovens e adultos possam fortalecer seu autodomínio, suas ações e relações, capacitando esses sujeitos a reconhecerem seu trabalho autônomo, além de dignificá-los.

Empreendedorismo

O primeiro a utilizar o termo *entrepreneur* na teoria econômica foi Richard Cantillon que é considerado o primeiro grande economista teórico. Sabe-se muito pouco sobre ele: era um Irlandês, com nome espanhol, que viveu na França. Trabalhou na Espanha durante a guerra de sucessão como contador do Tesoureiro (Pagador Geral) dos Exércitos Ingleses. Entre 1717 e 1720 ganhou uma considerável fortuna especulando com os valores de John Law. Cantillon morreu em Londres num incêndio em sua casa, que teve fortes suspeitas de ser um incêndio criminoso provocado por seu cozinheiro.

Seu prestígio como economista deve-se à obra *Essai Sur la Nature du Commerce en Général*, publicada anonimamente vinte anos depois de sua morte, em 1755, mas atribuída a Cantillon por Mirabeau. Foi Jevons quem ressuscitou sua memória ao elogiá-lo como a mais metódica e completa compilação do conhecimento econômico anterior a Adam Smith. Parece também que foi Cantillon quem cunhou a expressão "velocidade de circulação do dinheiro", afirmando que o aumento dessa variável provocaria inflação.

W. Stanley Jevons (1964) escreveu sobre o assunto e a ele compete o primeiro tratado de economia. Daquele tempo em diante, vem sendo cada vez mais usado o termo e passa a integrar as teorias econômicas.

Já Adam Smith faz uma distinção entre capitalismo e empreendedorismo: o primeiro tem dinheiro excedente para investir no capital; o segundo é uma arte, uma ciência onde há possibilidades para investir e ideias inovadoras. Segundo Dornelas,

A essência do empreendedorismo está na concepção e no aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios tradicionais, constantemente, criando novos produtos, novos métodos de produção e novos mercados, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros (DORNELAS, 2001, p. 23).

A utilização de processos criativos e desenvolvimento de novos negócios através do empreendedorismo é fator determinante para a evolução e criação de novos empregos, além de impulsionar a crescimento sustentável, necessário para as macros e micros regiões emergentes. Para tanto, é necessário a presença do empreendedor, daquele que gerencia e determina quais a quando as atitudes devem ser tomadas para a obtenção de sucesso dentro das organizações em que estão inseridos.

Desse modo, com mais de 80 anos, *empreendedorismo*, hoje, é uma ciência que cresce e ganha proporção com velocidade incrível em quase todo o mundo. Destacando-se a atuação de diversos estudiosos e pesquisadores em aspectos diferentes sobre o assunto.

Dolabela (1999), ao definir o termo *empreendedor*, aponta como sendo aqueles que é o motor da economia, aquele que promove mudanças. São, portanto, aqueles que geram inovação e identificam e criam oportunidades de negócios, montam e coordenam novas combinações de recursos para extrair o máximo de benefícios de suas crias. Pois percebe que um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões.

Brasil Empreendedor

No Relatório Executivo publicado pela Global Entrepreneurship Monitor – GEM – em 2005, o Brasil figurou entre as nações onde mais se iniciaram empresas. O País registrou uma taxa de empreendimentos na ordem de 11,3%, ficou na sétima posição na pesquisa. Para Oliveira et al,

Isso mostra o espírito empreendedor do povo brasileiro. O Brasil, segundo a pesquisa citada, ocupou a 14ª posição na razão da taxa de empreendimentos com mais de quarenta e dois meses iniciais, o que mostra ser pequena a representação das empresas que se mantém por mais tempo, ou seja, é o período considerado capital para a sobrevivência do empreendimento. No ranking do empreendedorismo por necessidade, o Brasil ocupa a 4ª posição. O povo brasileiro é motivado a empreender pelo desemprego, pela falta de reconhecimento na empresa onde trabalha, ou pela baixa remuneração, na maioria das vezes o empreendedor abre uma empresa levado pela necessidade de se inserir no mercado de trabalho. O uso adequado da informação conduz ao conhecimento. O conhecimento bem aplicado leva ao sucesso (OLIVEIRA et al, 2009, p. 1).

Assim, para os autores anteriormente citados, não é a carga tributária, nem a necessidade de crédito os principais “vilões” pelo desaparecimento de uma empresa. O não planejamento somado ao desconhecimento do negócio são fatores que, frequentemente, levam ao empreendedor a encerrar a atividade. Desse modo, todas as informações são valiosas e funcionam como instrumento para planejar e coordenar as políticas administrativas salutares a qualquer tipo de empreendimento.

O sucesso parece óbvio, mas não é. Para se obter sucesso empresarial se faz necessário planejar bem, definir objetivo e metas, saber com clareza onde, quando e como chegar ao resultado esperado. Estudos demonstram que se constitui erro grave focar diversas direções e esperar acertar no alvo, sendo assim, conclui-se que o melhor a fazer é concentrar-se nas metas do planejamento estratégico e organizacional. Isso porque potencializa a qualificação, significando uma ampliação concreta das perspectivas, não só pela natureza dos eventos, mas pela possibilidade sistemáticas que favoreçam estratégias multisetoriais (OLIVEIRA, et al, 2009, p. 1).

Percebemos, dessa forma, que o empreendedor visa crescer, atrair consumidores e ganhar o mercado. Entretanto, crescer exige planejamento e uma boa base de sustentação, pois o crescimento sem controle pode ser fatal à sobrevivência de um empreendimento. Alguns empreendedores misturam o dinheiro familiar com o da empresa e usa o mesmo dinheiro para investimentos, custeio de despesas operacionais e administrativas, e também, para manter o sustento familiar. O resultado disso é o caos financeiro do empreendimento. A escolha do sócio é fundamental no caso de sociedade.

Mitos e Realidade

Dentro do contexto do empreendedorismo, exploram-se mitos e realidades, como, por exemplo, o de que “empreendedores nascem feitos”. Quando sabemos que a realidade nos diz



que o empreendedor se faz com o acúmulo de habilidades, experiências e contatos por um período de alguns anos, sendo perfeitamente possível alguém aprender a ser empreendedor.

Outros mitos existem como aqueles que dizem que qualquer um pode começar um negócio, empreendedores são jogadores, são seus próprios chefes e completamente independentes ou que começar um negócio é completamente arriscado e frequentemente acaba em falência. Também, há os que dizem que o dinheiro é o ingrediente mais importante para se começar um negócio e que esses buscam o poder e o controle sobre terceiros. Falam que se o empreendedor é talentoso, o sucesso vai acontecer em um ou dois anos, entre tantos mitos que circulam.

Entretanto, a realidade impera sobre esses mitos, sendo que a parte mais fácil é começar um negócio. O empreendedor reconhece a diferença entre ideia e oportunidade, e quem pensa grande tem mais chances de sucesso. Os empreendedores não são jogadores, pois assumem riscos calculados, minimizando-os, tentando influenciar a sorte. Os empreendedores, dessa forma, estão longe de serem independentes e servem a muitos sócios, investidores, clientes, empregados, fornecedores e familiares. Os empreendedores sabem identificar e agarrar uma oportunidade e atrair recursos financeiros. Assim, não é necessário ter dinheiro para obter sucesso. O empreendedor busca responsabilidades, realizações e resultados.

Em seu livro *Empreendedorismo na Prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso*, Dornellas (2007) trata do fazer acontecer pela ótica dos empreendedores brasileiros que já são bem-sucedidos. Seu diferencial está na aplicabilidade imediata dos conceitos e, por isso, é recomendado aos empreendedores iniciantes e até aos mais experientes.

O livro está estruturado de forma a permitir que o leitor entenda por que se busca tanto rotular o que é ser empreendedor. Logo de início, o Professor Dornelas coloca em discussão a grande ênfase que se dá na definição do perfil do empreendedor de sucesso, mostrando argumentos contrários e a favor desta linha de pensamento.

Em seguida, propõe que não existe um perfil único de empreendedor, apresentando vários tipos de empreendedores. A parte central do livro é destinada ao entendimento do mais completo estudo realizado no país com empreendedores de sucesso. Vários mitos são derrubados, algumas verdades ratificadas, e muitas dicas e recomendações dos próprios empreendedores são apresentadas para tentar facilitar a jornada dos que pretendem ou já estejam engajados no dia-a-dia do negócio próprio.



Empreendedorismo e PROEJA

A fim de encontrarmos elementos pertinentes ao tema de nossa pesquisa, formulamos um questionário que foi aplicado a dez alunos da turma de PROEJA, do Instituto Federal Farroupilha, campus São Vicente do Sul. Assim, após a tabulação dos dados, passamos a discutir os resultados.

Na primeira pergunta, ao serem questionados se, antes de iniciarem o curso PROEJA, se já tinham ouvido falar do termo empreendedorismo, 70% dos participantes disseram que sim, contra 30% que nunca ouviram falar do termo. Isso demonstra que, como já havíamos demonstrado anteriormente, o termo é usado de forma frequente nos dias de hoje.

Também, em relação à próxima pergunta, os mesmos 70% dos entrevistados mostraram ter conhecimento sobre o que significa o termo em questão. Isso comprova, mais uma vez, que além de ser um termo bastante usado na atualidade, também agregou definição quando empregado, pois de nada adianta a pessoa já ter ouvido a palavra, sem saber sua significação.

Quando questionados se já pensaram na hipótese de terem seus próprios negócios, 90% responderam que sim, que sempre pensam nisso, e que buscam a qualificação para isso, no curso que ora estudam, ou seja, o “PROEJA”, demonstrando uma preocupação com o futuro, já que o mercado de trabalho formal vem apresentando um quadro de permanente diminuição no número de vagas. Assim, ter seu próprio negócio significa uma chance que não pode ser desconsiderada.

Quanto o assunto é a leitura dirigida, ou seja, quando questionados se leem sobre o assunto, o percentual foi de 50% para os que leem e 50% para os que não o fazem. Assim, temos um quadro que demonstra uma aparente contradição, ou uma falta de visão empreendedora, pois se 90% dos entrevistados gostariam de ter seu próprio negócio e sonham com isso, deveriam buscar elementos que dessem suporte a esse projeto, o que 10% não faz.

Também, apenas 20% dos entrevistados dizem ter conhecimento em relação às leis municipais, estaduais e federais que regem empresas e indústrias, contra 80% que afirmam desconhecer tais leis e códigos de postura. Essa constatação demonstra, mais uma vez, que embora desejem serem donos de seus próprios negócios, pouco faz a fim de concretizar tal projeto.

Quando perguntados se já participaram de algum curso cuja temática versasse sobre empreendedorismo, apenas 30% responderam que sim. O restante, 70%, nunca tiveram, participação em evento que versasse sobre o tem discutido.

Entretanto, 100% dos entrevistados foram categóricos ao afirmar que gostariam ter a oportunidade de realizar cursos sobre empreendedorismo. Isso comprova que, muitas vezes, são poucas as oportunidades oferecidas a jovens e adultos, seja por dificuldade geográfica, financeira ou pela própria falta de tempo, já que a grande maioria dos entrevistados trabalha e estuda concomitantemente, embora reconheçam que já houve cursos com a referida temática na cidade onde moram. Também, 100% dos sujeitos da pesquisa gostariam de ver contemplada uma ou mais disciplinas no currículo do “PROEJA”. Conforme Motta (1999, p.89), os fatores que contribuem para o crescimento da micro empresa são:

“ [...] - tendência das grandes empresas em transformar seus complexos em muitas empresas menores; - consolidação da subcontratação de cadeias produtivas; - espírito empreendedor e necessidade de realização profissional; - informatização e robotização das empresas que dispensam pessoas de nível técnico gerencial; - crescimento descomunal de serviços ligados à informação; - aspectos tributários e burocráticos que criam benefícios para a empresa e - aposentadoria precoce” (MOTTA, 1999, p.89).

No último questionamento, os entrevistados responderam de forma livre o que era preciso para ser um empreendedor e as respostas que, mas apareceram forma as de que era preciso ter certeza do ramo e tipo de negócio a abrir, que era preciso ter coragem, persistência, capital, dedicação, interesse e caráter.

CONSIDERAÇÕES

Assim, o empreendedorismo tem tudo a ver com a educação, mesmo que a expressão tenha vindo do mundo dos negócios, uma vez que há, por parte do governo federal, um amplo investimento na formação profissional de jovens e adultos. Dessa forma, trazer para dentro da escola, disciplinas voltadas ao mundo do trabalho, do capital e do empreendedorismo, é uma forma de despertar em jovens e adultos a capacidade de um pensar empreendedor.

Dessa forma, cabe aos professores desenvolverem nos alunos competências para que os mesmos sejam capazes de tomar decisões, traçar planos e organizar recursos necessários para chegarem ao sucesso, fazendo dessa prática pessoas preparadas e competitivas no mundo

do trabalho. Essa cadeia se torna um sucesso, à medida que promove o desenvolvimento local, regional e faz com que os negócios cresçam em nosso país.

Portanto, alunos que tem noções de empreendedorismo, mais tarde poderão entrar no mercado de trabalho, sem depender exclusivamente de um emprego, pois poderão ter seus próprios negócios, sem depender das Vagas de emprego, cada vez mais escassas.

Recebido em: Janeiro de 2016

Aceito em: Maio de 2016

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da educação, **Documento referente ao PROEJA**. Brasília, 2007.
- COHEN, D. **Empreendedorismo**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- DOLABELLA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- DORNELAS, J. C. de A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.
- MOTTA, M. S. **Revista Isto é**. São Paulo, nº 233, p.56 – 57, outubro. 1999.